ALINA MARIA SANTOS MÁRTIRES VILLALVA

ANÁLISE MORFOLÓGICA DO PORTUGUÊS

Dissertação de Mestrado
em Linguística Portuguesa Descritiva

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
1986

ÍNDICE

0. INTRODUÇÃO 4

NOTAS 8

1. BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DA MORFOLOGIA 9

NOTAS 26

2. LÉXICO 29

2.1. ORGANIZAÇÃO INTERNA DO LÉXICO 31

2.1.1. HALLE (1973); JACKENDOFF (1975); ARONOFF (1976) 31

2.1.2. WILLIAMS (1981 a, b); LIEBER (1983) 34

2.2. DERIVAÇÃO E FLEXÃO 50

2.2.1. CRITÉRIOS DE DISTINÇÃO NA GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL 52

2.2.2. AFIXOS DE FLEXÃO E TRAÇOS DE FLEXÃO 56

2.2.3. HIPÓTESE LEXICALISTA 58

NOTAS 63

3. ANÁLISE MORFOLÓGICA. APRESENTAÇÃO DE ALGUMAS PROPOSTAS 67

3.1. ESTRUTURA INTERNA DAS PALAVRAS 68

3.1.1. CONSTITUINTES 68

3.1.2. ESTRUTURAS 74

3.2. FORMAÇÃO DE PALAVRAS 84

3.2.1. PROCESSOS E REGRAS 85

3.2.2. PRODUTIVIDADE 90

3.2.3. BLOQUEIO 93

NOTAS 95

4. DUAS REGRAS DE NOMINALIZAÇÃO 98

4.1. DO PONTO DE VISTA DA GRAMÁTICA HISTÓRICA 101

4.2. DESCRIÇÃO 103

4.3. ANÁLISE 115

NOTAS.....121

5. CONCLUSÕES.....122

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....127

0. INTRODUÇÃO

Morfologia é um termo que está longe de ser pertença exclusiva da ciência linguística. Bem pelo contrário, este termo remete para uma disciplina partilhada por variadas áreas do conhecimento, da biologia, da tecnologia, às humanidades, ao enunciar-se como conhecimento das formas.

Mas, ao considerá-la um dos seus domínios, a linguística especifica esse enunciado, identificando as formas objecto de análise, os processos geradores da sua existência e transformação, e as suas propriedades tipológicas e idiossincráticas. Quer isto dizer que a morfologia, na linguística, não se ocupa do que poderia ser a totalidade do seu objecto, mas apenas de uma parte, pelo que o nome e a noção apenas por metonímia referem a mesma coisa.

Não existindo, pois, nem prévia nem intrinsecamente, qualquer vínculo a um ou outro tipo de unidades (formas), sendo inclusivamente a sua delimitação - procedente de um raciocínio abstracto que segmenta por comparação e substituição sistemáticas - controversa, não é estranho que, desde o início deste século, a morfologia tenha vindo a ser rejeitada[1], recuperada[2], e que as discussões, a que mais frequentemente deu origem, tivessem as suas unidades de análise[3] e o seu lugar na gramática[4], como temas.

No presente trabalho, nem todas as questões são tratadas e nem todas as questões tratadas são resolvidas. Mas algumas são, tão sistematicamente quanto possível, enunciadas e debatidas.

As interrogações, em resposta às quais se produz novo saber, e mais até do que essa, são consequência directa dos saberes anteriormente

produzidos. Nesse sentido, retomam-se, no Capítulo 1, os aspectos que se considera serem mais significativos no percurso teórico da morfologia, através de alguns exemplos.

No Capítulo 2 - LÉXICO - , apresentam-se algumas das propostas mais recentes sobre a organização interna dessa componente e sobre a natureza das unidades lexicais. Formula-se, então, uma hipótese, segundo a qual a representação dessas unidades se processa a dois níveis (entrada lexical, saída lexical), mediados por um sistema de regras (Regras de Formação de Palavras). As regras de formação de palavras são instâncias dos processos de derivação e de flexão, o que significa que a morfologia se localiza no léxico.

A ANÁLISE MORFOLÓGICA, apresentada no Capítulo 3, estabelece uma distinção entre estrutura interna da palavra e formação de palavras, sem que uma relação de dependência subordine a primeira à segunda. Pode, assim, considerar-se a existência de palavras,cuja estrutura interna é morfologicamente complexa, mas que não são o resultado da aplicação de regras de formação. O modelo de análise adoptado assenta nos conceitos de núcleo e não-núcleo (constituintes de palavra), pelo que a estrutura interna de uma palavra complexa é uma estrutura binária.

Quanto à formação de palavras, considera-se a existência de dois tipos de processos morfológicos: derivação e flexão, integrando-se, no primeiro tipo, os processos de nominalização, verbalização e adjectivização, e, no segundo, os processos de flexão nominal e verbal. Cada processo é realizado por regras de prefixação ou de sufixação.

No capítulo 4, a análise morfológica é retomada, a propósito

das regras de nominalização em [ção] e em [mento]. A hipótese que se coloca é a de que as formas derivantes destas duas regras são temas verbais, seleccionando a nominalização em [ção] temas verbais que atribuem caso acusativo ao seu argumento interno, e, complementarmente, a nominalização em [mento] selecciona temas verbais que não atribuem caso acusativo, quer porque se trata de verbos intransitivos, quer porque o argumento interno é introduzido por uma preposição, quer porque se trata de verbos ergativos. A existência de mais do que uma estrutura argumental para cada verbo pode permitir a coexistência de nominais em [ção] e em [mento].

Com este trabalho pretendeu-se, em resumo, testar algumas das novas abordagens da análise morfológica, em função de dados fornecidos pelo português, procurando, de algum modo, contribuir para o conhecimento da gramática desta língua.

Ao terminar, alguns agradecimentos.

À Maria Helena Mira Mateus, minha mestra e orientadora, pelo que me ensinou, mas também pela amizade.

Ao Ernesto d'Andrade, à Inês Duarte, ao André Eliseu e à Gabriela Matos, as críticas, as sugestões.

Aos meus alunos, aos meus amigos Isabel Ryder da Costa e Manuel Ribeiro dos Reis, e aos meus pais, em particular, agradeço as diversas formas pelas quais me ajudaram a chegar ao fim.

NOTAS

1 - Cf. SAUSSURE (1916): 186 "Linguistiquement, la morphologie n'a pas d'objet réel et autonome; elle ne peut constituer une discipline distincte de la syntaxe"

2 - Cf. ANDERSON (1982): 571-2 " Recent years have seen the reappearence of a field of morphology, since both of the above-mentionned programs for reducing it to other domains have proven over-ambitious"

3 - Cf. BLOOMFIELD (1926) " A Set of Postulates for the Science of Language"
HALLDEN (1952) "What is a Word?"
KRÁMSKÝ (1969) The Word as a Linguistic Unit
LAZICZIUS (1945) "La Définition du Mot"

4 - Cf. ANDERSON (1982) "Where's Morphology?"
CHOMSKY (1970) "Remarks on Nominalization"
JENSEN E STONG-JENSEN (1984) "Morphology is in the Lexicon!"

I. BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DA MORFOLOGIA

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS (1882):13 "Morphologia se chama na Grammatica a parte em que se estudam e classificam as diferentes palavras relativamente ao papel que desimpenham no discurso (quando isoladamente consideradas),- assim como as flexões ou accidentes d'essas palavras.

Esta parte da Grammatica estabelece portanto a origem, a natureza, a classificação e as propriedades dos vocábulos (...)

Grammaticalmente consideradas em relação à sua natureza e papel que desimpenham na linguagem, as palavras classificam- - se em diversos grupos ou categorias a que se dá o nome de partes do discurso ou partes da oração."

Esta apresentação programática da morfologia serve de exemplo. Um exemplo do saber "inquestionável" que a tradição gramatical preservou durante séculos[1], de um discurso impessoal, "não humano", pelo que invulnerável, e que a instituição escolar ainda reproduz.

Mas, neste modelo latino, mais do que uma parte da gramática, a morfologia é talvez a parte, por excelência, da gramática, onde a metalinguagem intervém mais fortemente, como instrumento de rigor descritivo pré-científico e em oposição a critérios subjectivos e artísticos que orientam as restantes disciplinas (a fonologia - ortoepia e ortografia - e a sintaxe são artes de bem pronunciar, de bem escrever, de bem exprimir ideias e formular juízos).

O primado da morfologia coincide em determinado momento com a importância atribuída à análise contrastiva das línguas[2]. Descoberto o Sânscrito, imaginado o Indo-Europeu, pesquisadas "novas" línguas, a comparação propunha uma tipologia. Ora, esta tipologia iria justamente basear-se, na sua formulação inicial, em processos de formação de palavras

descritos pela morfologia.

Estava-se, então, no final do século XIX[3], e a morfologia chegava ao termo de um "reinado" incontestado, com o advento da teorização linguística.

Para a Europa Ocidental, esse momento está intimamente ligado a Saussure. Nos seus textos, e por detrás ou decorrente da preocupação de definição de unidade linguística - o signo[4] - encontra-se a refutação da distinção entre forma e função, que lhe permite negar o objecto da morfologia[5] e a sua própria existência.

Ao eliminar da gramática de um "estado de língua" qualquer explicação de tipo evolutivo, Saussure propõe-se encontrar todas as respostas nas relações sintagmáticas e paradigmáticas[6]. Assim, e constituindo qualquer sequência um signo linguístico decomponível (sintagma) ou não[7], a morfologia perde a sua especificidade, confundindo-se com a sintaxe e com a lexicologia.

Tal como em muitas outras situações, Saussure recorre a metáforas para clarificar os seus argumentos:

> SAUSSURE (1916):171 "A ce double point de vue [relação sintagmática/ relação paradigmática], une unité linguistique est comparable à une partie déterminée d'un édifice, une colonne par exemple; celle-ci se trouve d'une part dans un certain rapport avec l'architrave cet agencement de deux unités également présentes dans l'espace fait penser au rapport syntagmatique; d'autre part si cette colonne est d'ordre dorique, elle évoque la comparaison mentale avec les autres ordres (ionique, corinthien, etc), qui sont les éléments non présents dans l'espace: le rapport est associatif."

No entanto, também o próprio edifício, onde se encontra a tal coluna, se relaciona com outros edifícios. Também as relações podem ser

de sequência e de substituição. Mas os termos dessas relações não são necessariamente idênticos. A especificidade dessas relações, transposta de novo para a linguística , talvez permita sustentar a distinção entre a morfologia e a sintaxe.

Contemporâneo de Saussure, que conhecia aliás o seu trabalho, Baudouin de Courtenay tinha já teorizado uma fonologia que Saussure intuiria e integraria numa perspectiva geral da linguagem:

> SAUSSURE (1916):98 "(...) une image acoustique. Cette dernière n'est pas le son matériel, chose purement physique, mais l'empreinte psychique de ce son(...)"
>
> BAUDOUIN DE COURTENAY (1899)[8]: "Tant que nous avons affaire à la parole ou à l'audition, actions passagères, le terme "son" nous suffit, indiquant l'unité phonatoire - ou de prononciation - la plus simple, qui provoque une impression acoustico-phonétique unique. Mais si nous nous mettons au niveau de la langue réelle, niveau qui existe seulement de façon ininterrompue psychiquement, seulement comme un monde de représentations, la notion de son ne nous suffit plus et nous cherchons un autre terme pour l'équivalent psychique du son. Le terme est celui de phonème."

Esta identificação de dois objectos de análise distintos (som e fonema) viria a ter consequências importantes no desenvolvimento da linguística, e não só no domínio da fonologia por oposição à fonética, oposição ainda hoje aceite:

> TROUBETZKOY (1939):3 "Nous donnerons à la science des sons de la parole le nom de phonétique et à la science des sons de la

langue le nom de phonologie".

mas, fundamentalmente, por se tratar de objectos não co-existentes, não complementares, mas sim mutuamente projectáveis, que justificam a existência de vários níveis de representação e análise abstractas.

A investigação linguística dedicava-se, nesse momento, quase exclusivamente , à fonologia, observando o comportamento dos sons nos sistemas fonológicos e procurando as condições da sua alternância. São, justamente, problemas,que se relacionam com esta última questão, que provocam o reaparecimento da morfologia. É neste sentido que Baudouin de Courtenay propõe a existência de duas categorias de fonemas:

> BAUDOUIN DE COURTENAY (1899)[9]: "1)la simple généralisation des traits antropophoniques
>
> 2)le comportement mobile du morphème, signe d'une certaine catégorie morphologique"

Começa, pois, deste modo a desenhar-se o que virá a ser, na gramática, a primeira disciplina híbrida, a morfofonologia:

> TROUBETZKOY (1929)[10]: "Junto a la fonología, que estudia el sistema de los fonemas considerados como las ideas acústico motoras más simples significativas en una lengua dada, y junto a la morfología, que estudia el sistema de los morfemas, la gramatica debe comprender aún un capítulo particular que estudia la utilización morfológica de las diferencias fonológicas y que puede denominarse la "morfo- - fonología" o para abreviar, la "morfonología"."

e as suas unidades específicas:

> TROUBETZKOY (1929)[11]: "Estas ideas complejas de dos o más fonemas susceptibles , en función de las condiciones de estructura morfológica de la palabra, de reemplazarse mutuamente en el seno de un solo y mismo morfema, pueden denominarse "morfo-fonemas" o "morfonemas" (los términos de "morfo-fonema" y su abreviación "morfonema" han sido inventados por M.H.Ułaszyn[12],pero él los tomó en otro sentido)."

Na sequência destas propostas surge naturalmente a questão da representação comum a todas as formas alternantes, prenúncio das representações subjacentes:

> BAUDOUIN DE COURTENAY (1899)[13]: "La question se pose: que prendre exactement comme base, c'est à dire lequel de deux ou de plus de deux éléments d'une divergence ou d'une corrélation plus spéciale faut-il considérer comme étant le plus proche (...) du phonème de base."

A resposta de Baudouin de Courtenay assentava fundamentalmente num critério de simplicidade (posteriormente recuperado e reformulado), mas levantou várias objecções nomeadamente por considerar também a evolução histórica dos fonemas. Sapir que, de algum modo, está no início da linguística norte-americana, contrapõe ao critério de simplicidade um outro de comparação de formas correlatas, morfologicamente derivadas[14].

Em 1939, Bloomfield exemplifica a sua perspectiva acerca da morfo-fonologia:

BLOOMFIELD (1939) [15]: "Simple words and the member of compounds, in turn, resolve themselves, under analysis, into morphological elements which vary greatly in different combinations; the present paper describes these variations, the internal sandhi of morpho-phonemics of the language (...). The process of description leads us to set up each morphological element in a theoretical basic form, and then to state the deviations from this basic form which appear when the element is combined with other elements. If one starts with the basic forms and applies our statements (...)one will arrive finally at the forms of words as they are actually spoken. Our basic forms are not ancient forms (...) and our statements of internal sandhi are not historical but descriptive and appear in a purely descriptive order."

A especificidade deste tratamento não reside no que é considerado como objecto de estudo da morfofonologia, as variações em sandi interno (ou seja, os efeitos de junção), mas sim na derivação da forma das palavras a partir de "formas básicas".

Nos anos 50 surge um novo conceito, o de modelo de gramática. Hockett formula-o nos seguintes termos:

HOCKETT (1954):386 "By a 'model of grammatical description' is meant a frame of reference within which an analyst approaches the grammatical phase of a language and states the results of his investigations"

Nesse mesmo artigo, Hockett procura comparar os dois modelos gramaticais que considera serem os "archetypical frames of reference"

das descrições linguísticas produzidas durante a primeira metade do século. Refere ainda um terceiro modelo: Palavra e Paradigma [16], "the traditional framework for the discussion of Latin, Greek, Sanskrit, and a good many more modern familiar languages."[17], que considera mais respeitável do que qualquer dos outros, mas, curiosamente, não desenvolve.

Item e Processo[18] é o modelo que Hockett classifica de mais antigo:

HOCKETT (1954):396 "A linguistic form is either simple or derived.(...)

A simple form is a root.(...)

A derived form consits of one or more underlying forms to which a process has been applied.(...)

The tactical pattern of a language is completely covered by a set of statements of the following form:

(1) A list of processes

(2) Under each process as heading,

(2.1) Enumeration of the position or positions involved

(2.2) For each position,

(2.21) A list of roots which occur in that position,and

(2.22) A list of the processes which produce forms which occur in that position (...)

A single shape of a root is a root-alternant."

O segundo modelo analisado, Item e Combinação[19], surge, segundo Hockett, por reacção à "analogia histórica" detectável no anterior.Ele enuncia-o do seguinte modo:

HOCKETT (1954): 388-9 "A linguistic form is either simple or composite.(...)

A simple form is a morpheme.(...)

A composite form consists of two or more

immediate constituents standing in a construction and forming a constitute.(...)

The tactical pattern of a language is completely covered by a set of statements of the following form(...):

(1) A list of the constructions.

(2) Under each construction as heading,

(2.1) Enumeration of the positions in that construction

(2.2) Specification of any marker for that construction.

(2.3) For each position,

(2.31) A list of the morphemes which occur there,and

(2.32) A list of the constructions, composite forms belonging to which occur there.(...)

A single shape of a morpheme is a morph; the various morphs which are the shapes or representations of one and the same morpheme are its allomorphs."

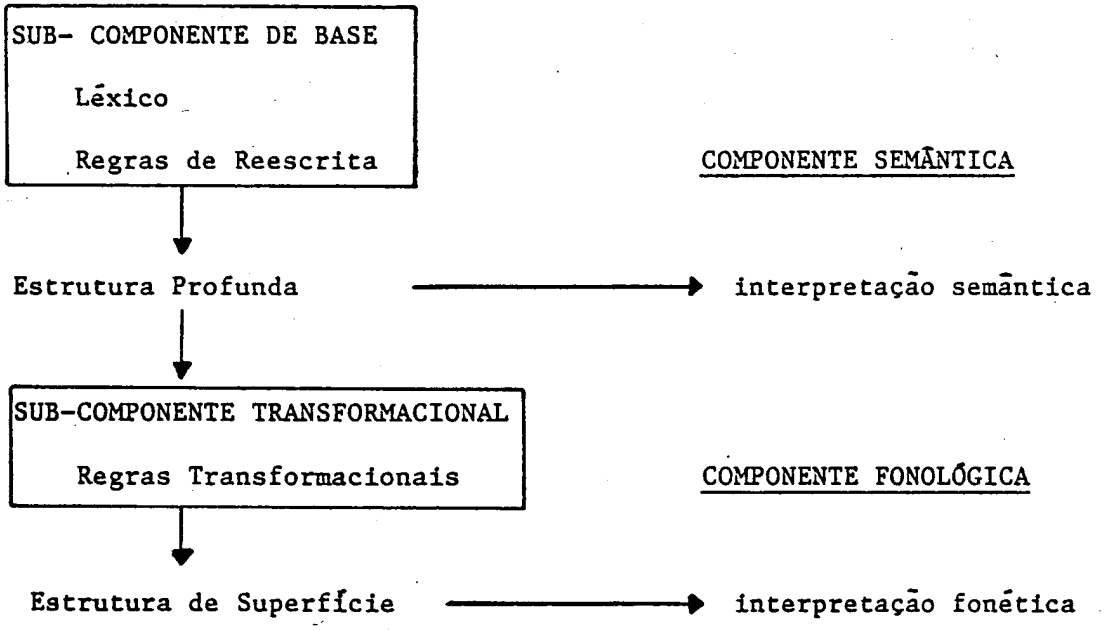
Neste quadro, é desenvolvida uma tipologia de morfemas (cf. Nida(1948)).

As diferenças entre estes dois modelos não são muito substanciais, excluindo as de ordem terminológica. E os resultados a que conduziram dificílmente justificariam a eliminação do modelo concorrente.

Mas é também na década de 50 que a análise linguística encontra um "novo" objecto de análise: as estruturas sintácticas. As consequências deste desvio de atenção são inúmeras, mas uma delas diz respeito à questionação do próprio conceito de gramática, como um todo estruturado, um conjunto de componentes articuladas, como uma entidade dinâmica de produção de discurso.

Considere-se o modelo apresentado em CHOMSKY (1965)[20]:

COMPONENTE SINTÁCTICA



Neste modelo, o léxico é descrito como um "conjunto de entradas lexicais, consistindo cada uma numa matriz de traços distintivos D e num símbolo complexo C, sendo este último um conjunto de traços de vários tipos"[21] e um conjunto de "convenções gerais que permitem uma simplificação significativa de tais entradas lexicais"[22]. Dos vários tipos de traços que constituem o símbolo complexo C, alguns são traços morfológicos, mas nem todos os traços morfológicos estão presentes na entrada lexical:

> CHOMSKY (1965): 270 "(...) traços como [αNúmero] são inerentes ao Indicador Sintagmático e não ao item lexical (...) e só passam a fazer parte do formativo depois deste ser inserido num Indicador Sintagmático"

A morfologia, enquanto entidade autónoma não tem existência neste modelo, pelo que a formação de palavras (flexão e derivação) deve ser processada

noutra componente. Sendo as componentes semântica e fonológica interpretativas, é na componente sintáctica que esse processamento se efectua.

Os processos de flexão provocados pela concordância, são dados por traços inerentes às posições sintácticas, traços que os items lexicais adquirem ao ocupar essas posições.

O tratamento dos processos de derivação "tipicamente esporádicos e apenas semi-produtivos"[23], é um pouco mais complexo. Esta complexidade deve-se, essencialmente, ao facto de os processos serem de diferente natureza e de a sua aplicação não ser obrigatória. O tratamento será pois também diferenciado. No caso dos processos "produtivos", é proposta uma abordagem transformacional:

> CHOMSKY (1965): 279 "É evidente que as palavras destruction, refusal, etc. não serão como tais introduzidas no léxico. Pelo contrário, destroy e refuse serão introduzidas no léxico com uma especificação de traços que determina a forma fonética que elas vão assumir (através de regras fonológicas posteriores) quando aparecem em frases nominalizadas."

Os processos produtivos de derivação e os processos de flexão têm, pois, lugar em sintaxe, onde é completada a especificação dos traços do item lexical.

Ao item lexical, com uma especificação de traços inerentes e de traços adquiridos, é atribuída uma interpretação fonética pela componente fonológica. Esta perspectiva integra-se no modelo Palavra e Paradigma, sendo o item lexical e a especificação de traços inerentes o enunciado intensional do paradigma e a especificação dos traços adquiridos, a identificação de um dos elementos do paradigma. O conjunto formado pelo

item lexical e pela especificação dos traços inerentes e adquiridos constitui a palavra:

> CHOMSKY (1965): 267 "Não conheço nenhuma vantagem compensadora para a reanálise descritivista moderna das formulações paradigmáticas tradicionais, em termos de sucessão de morfemas. Esta inovação teórica parece ser, assim, pouco feliz."

A explicação dos processos de derivação "não- produtivos" é objecto de duas hipóteses.

1) A primeira hipótese consiste em introduzir os derivados no léxico. Este procedimento não é, no entanto, julgado adequado, uma vez que, desse modo, não é possível obter a representação da estrutura interna das palavras, necessária à interpretação fonológica e semântica.

2) A segunda hipótese apresentada pode ser entendida como uma reformulação da anterior. Chomsky admite a possibilidade de ser necessário "alargar a teoria do léxico, de modo a permitir uma certa "computação interna" (...) "[24]. Nesta hipótese, que virá, aliás a ser desenvolvida (Cf. CHOMSKY (1970)), é proposta a existência de regras contextuais de formação de palavras, que operam sobre entradas lexicais, portadoras da informação necessária à aplicação das regras.

Essas entradas lexicais são do tipo:

$$(\text{tele}^{\frown}\text{Radical}_1 \quad [F_1, \ldots])$$

$$(\text{graph}, \ [+\ \text{Radical}_1, \ldots])$$

A aplicação da regra consiste em preencher o contexto de uma entrada lexical ($Radical_1$) por uma entrada lexical compatível (...[+$Radical_1$]).O resultado da aplicação da regra é:

telegraph

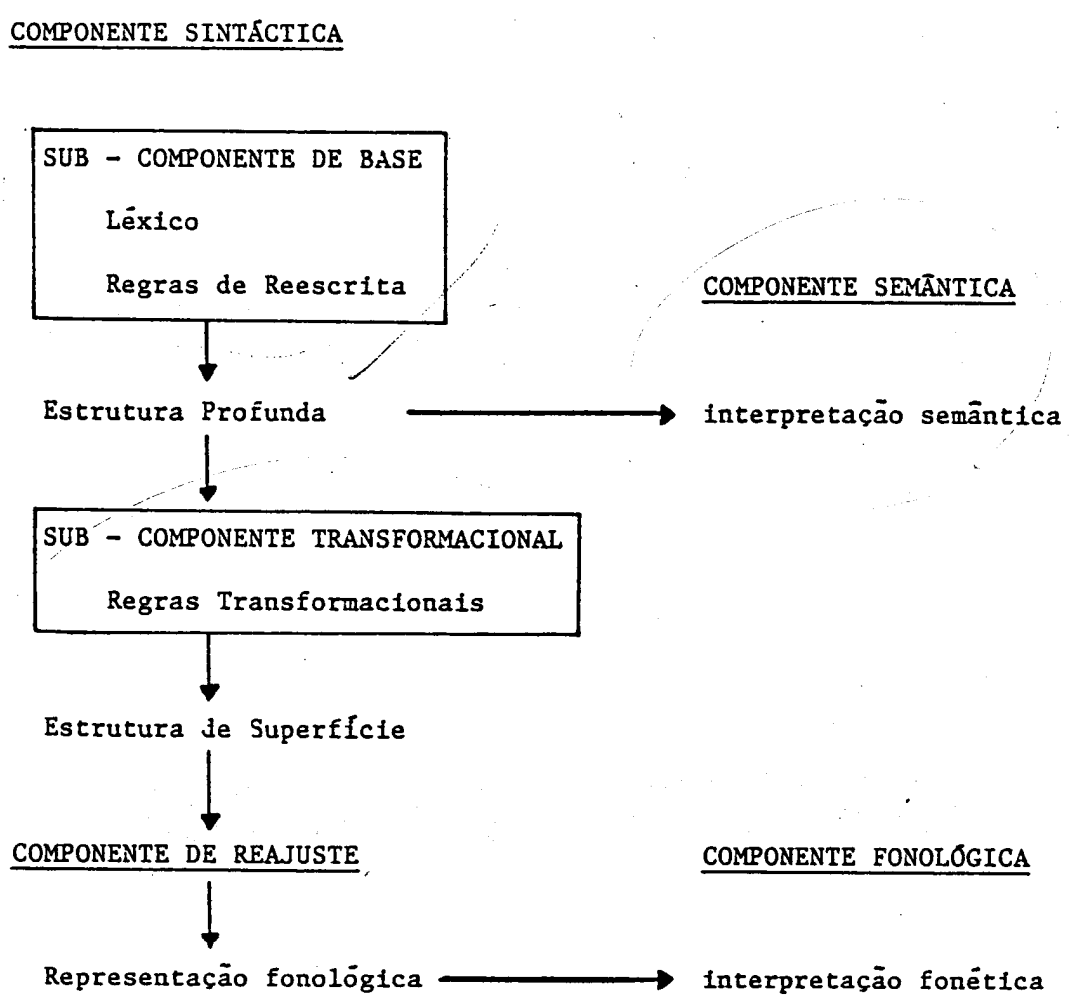
A abordagem da morfologia pela Teoria Standard e retomada, sob outro ângulo, em CHOMSKY E HALLE (1968). Neste trabalho especificamente dedicado à componente fonológica, os processos morfológicos surgem como um factor de perturbação do modelo, conduzindo mesmo a uma pequena reformulação:

> CHOMSKY E HALLE (1968): 9 " (...) a syntactic component (...) assigns to each sentence a surface structure (...) the surface structure must meet two independent conditions: first, it must be appropriate for the rules of phonological interpretation; second, it must be "syntactically motivated" (...). Thus we have two concepts of surface structure: input to the phonological component and output of the syntactic component. It is an empirical question whether these two concepts coincide: In fact they do coincide to a very significant degree, but there are also certain discrepancies. These discrepancies (...) indicate that the grammar must contain certain rules converting the surface structures generated by the syntactic component into a form appropriate for use by the phonological component."
> CHOMSKY E HALLE (1968): 61 " The readjustment rules thus provide a link between the syntactic and the phonological components of the grammar."

Com efeito, tanto no caso dos processos de flexão, como no caso

dos processos de derivação "produtivos", a informação modificada ou introduzida não é dada em termos de traços fonéticos, facto que impede o seu processamento pelas regras da componente fonológica.

A reformulação do modelo consiste, pois, em introduzir uma componente de reajuste[25], cujas regras transformam uma estrutura de superfície numa representação fonológica:



Mas a natureza das regras de reajuste não é homogénea. São identificadas regras que afectam uma única entrada lexical ("Regras de Redundância Lexical") e regras que afectam sequências maiores; regras de especificação de traços e regras de substituição de traços "gramaticais" por matrizes

fonológicas. Neste sentido a componente de reajuste não pode ser confundida com a morfologia, uma vez que as suas regras não são exclusivamente morfológicas.

Das posteriores reformulações sofridas pelo modelo, uma delas - a separação do léxico da componente categorial de base - viria a ter importantes consequências para o tratamento dos processos morfológicos.

> CHOMSKY (1970): 21 " (...) when the lexicon is separated from the categorial component of the base and its entries are analysed in terms of contextual features (...) we can enter refuse in the lexicon as an item with certain fixed selectional and strict subcategorization features, which is free with respect to categorial features [noun] and [verb]. Fairly idiossyncratic morphological rules will determine the phonological form of refuse, destroy, etc., when these items appear in the noun position. The fact that refuse takes a noun phrase complement or a reduced sentential complement and destroy only a noun phrase complement, either as a noun or as a verb, is expressed by the feature structure of the "neutral" lexical entry, as are selectional properties."

Neste texto (CHOMSKY (1970)) são considerados dois tipos de nominalização: gerundiva (John's criticizing the book) e derivada (John's criticism of the book), ambas com base proposicional (John criticized the book).

> CHOMSKY (1970): 16 " Gerundive nominals can be formed fairly freely from propositions of subject-predicate form, and the relation of meaning between the nominal and the proposition is quite regular. Furthermore, the nominal does not have the internal structure

of a noun phrase; (...)

Derived nominals (...) are very different in all of these respects Productivity is much more restricted, the semantic relations between the associated proposition and the derived nominal are quite varied and idiossyncratic, and the nominal has the internal structure of a noun phrase."

As diferenças detectáveis entre estes dois tipos de nominalização justificam diferentes tratamentos. Nesta perspectiva, denominada hipótese lexicalista, a derivação deixa de ser processada pela componente transformacional da gramática, tornando-se assim um fenómeno lexical.

CHOMSKY (1970): 60 "On the basis of the evidence surveyed here, it seems that the transformationalist hypothesis is correct for the gerundive nominals and the lexicalist hypothesis for the derived nominals."

As reformulações do modelo, nomeadamente em CHOMSKY E HALLE (1968) e CHOMSKY (1970), estão na origem do reconhecimento da morfologia como uma entidade autónoma na gramática transformacional:

ARONOFF (1976):5-6 "Morphology found its way back into generative linguistics through several rear doors, almost simultaneously. (...) We see, then, in SPE [CHOMSKY E HALLE (1968)], the beginnings of a recognition of the independence of certain classes of phenomena from syntax and phonology. The term readjustment rule is not a particularly well- defined one, but among the rules so termed we do find a significant number

which are plainly morphological (...)

(...) The birth of morphology, or at least the declaration of its domain, is simultaneous with, and contained in Chomsky's "Remarks on Nominalization" (1970). This paper presents a new theory of syntax, in which all of derivational morphology is isolated and removed from the syntax; it is instead dealt with in an expanded lexicon, by a separate component of the grammar."